

Discurso na cerimônia de assinatura dos contratos de arrendamento dos terminais de containers do porto do Rio, da Companhia Docas do Rio de Janeiro.

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 11 DE MARÇO DE 1998

Senhor Ministro Eliseu Padilha; Senhores Ministros que aqui se encontram; Senhores Senadores; Senhores Deputados; Senhor Diretor-Presidente da Companhia Docas, Doutor Mauro Campos; Senhores empresários; Senhoras e Senhores,

Eu, hoje, queria começar por agradecer. Sei da importância deste ato. Desde que eu estava no Senado da República, assisti aos esforços iniciados para a reformulação da nossa legislação a respeito da questão portuária, da questão das Docas. Acompanhei de perto, como Senador, então pelo Estado de São Paulo, as lutas, as dificuldades, as mediações necessárias, o esforço que foi feito, que começou no Congresso Nacional.

Portanto, agradeço ao Congresso Nacional por ter permitido uma reformulação que nos levou a este resultado, agora.

Mas acredito, também, que é de justiça fazer referência ao Governador do Rio de Janeiro – na verdade, o porto está no Rio de Janeiro; acho que o Governador teve, esse tempo todo, uma atitude muito aberta, muito compreensiva da situação – e, muito especialmente, ao Doutor Mauro Campos, que dirigiu até agora, e continuará dirigindo, a Com-

panhia das Docas e foi capaz de motivar os seus diretores e o conjunto daqueles que tomaram decisões, para que nós chegássemos ao resultado a que estamos chegando no dia de hoje.

Naturalmente, isso implica também a cooperação, como houve o tempo todo, dos empresários e dos sindicatos. Já foi ressaltado aqui pelo nosso Ministro que esse trabalho implicou uma obra, por que não dizer, de política, porque implicou uma negociação ampla, na qual nos tínhamos que tomar em consideração os interesses de todas as partes, dos trabalhadores, dos empresários; e, sobretudo, o interesse do Brasil, que é o que nos guia nas decisões fundamentais. Nesse aspecto, os senhores sabem que o que vou dizer é verdadeiro: aqui houve, no Ministério dos Transportes, devotamento do Ministro Padilha e dos seus funcionários, especialmente do Secretário-Geral, Doutor Portela, para que nós pudéssemos chegar aos resultados a que estamos chegando.

Isso tudo contou com o apoio muito decidido do Ministro Clóvis Carvalho. Na verdade, é por causa da cooperação que existe hoje no Governo que hoje o nosso é um governo entrosado, em que existe espírito de coordenação, espírito de gestão, chamada matricial, o que no início do governo foi considerado muito acadêmico, e hoje todos vêem que sem ela o Brasil não avança. Passou á época em que as decisões verticalizadas resolveriam. Hoje tudo se resolve articulando, discutindo, negociando, fazendo avançar, fazendo com que haja sinergia, convergência de esforços. Os senhores aqui presentes representam essa sinergia, essa convergência de esforços.

Mas o mais importante é que disso resultou alguma coisa que muitos não acreditavam ser possível. O Ministro Padilha deu os números, e eu não preciso repeti-los para mostrar as conseqüências práticas desse esforço que está sendo feito no Brasil para a modernização dos nossos portos. Mencionou Santos, mencionou, naturalmente, o Rio de Janeiro e mencionou Sepetiba, em Itaguaí – se eu não me referir a Itaguaí, o prefeito fica zangado comigo.

A verdade é que existe um esforço grande, também, no Espírito Santo, também no Rio Grande, também no Nordeste. Estamos fazendo novos portos. Estamos fazendo o porto de Suape, que, com esforço

nosso, terminará. Estamos fazendo o porto de Pecém, no Ceará. Já temos um porto bom no Maranhão, em Itaqui. Ou seja, o Brasil dispõe, hoje, de um sistema portuário amplo, um sistema em que eu imagino que – na medida em que Sepetiba se transforme no grande *hub* para permitir essa logística moderna, dos grandes navios –, depois, através de mecanismos, também rápidos, será possível redistribuir tudo isso pelos diversos portos do Brasil. E, na medida em que os portos já existentes avancem mais, nós estaremos aptos a cumprir a nossa meta, que é chegar a uma exportação de 100 bilhões de dólares nos próximos anos, em cinco anos mais.

E, evidentemente, quem vai exportar 100 bilhões há de importar outro tanto. De modo que isso tudo requer muito investimento, muita capacidade de compreensão de qual seja o desafio do mundo atual.

E, nesse desafio do mundo atual, há um aspecto que eu queria ressaltar: é que nós estamos fazendo isso gerando empregos. Na verdade, ao contrário do que imaginavam os críticos, que com tudo isso iríamos reduzir a oferta de trabalho, já temos assegurada, inclusive no porto do Rio de Janeiro, a continuidade, a expansão dos empregos. Sobretudo, como é o caso, nas áreas de modernização, todos sabemos da dificuldade imediata da geração de empregos. Mas, quando analisamos esses processos com uma perspectiva mais ampla, de longo prazo, vamos ver que eles têm efeito multiplicador. E, especialmente no caso dos portos, eles são, no fundo, a parte final do nosso território de eixos de desenvolvimento.

Imagino que a presença do Dr. Pimenta da Veiga aqui seja porque ele é mineiro e sabe que o porto do Rio de Janeiro é o porto de Minas Gerais e, que, portanto, na verdade, quando se avança no porto do Rio de Janeiro, se está avançando em Minas Gerais também e, por que não falar, em Goiás. E vou falar pouco, porque senão eu tenho que falar de Santos, de São Paulo, de Mato Grosso, que vai lá por trás. E por aí vai. Mas a verdade é que, efetivamente, na economia moderna, o porto é simplesmente a expressão final de um esforço que é encadeado, um esforço que tem, realmente, uma multiplicação de atividades muito grande.

De modo que nós estamos assistindo ao redesenho da geoeconomia do Brasil. É disso que se trata. Se o Ministro Padilha lhes disse, o que os

senhores sabem, o que está sendo feito noutros portos, até fluviais, por exemplo no rio Madeira ou no rio Amazonas, lá em Porto Velho, ou lá no rio Amazonas, em Itacoatiara, veriam que esse esforço é muito mais amplo, porque nós estamos integrando o interior do Brasil no nosso sistema portuário também. E estamos integrando tudo isso através das hidrovias. Nós estamos, realmente, redesenhando a geografia econômica do Brasil.

E eu espero que nesse redesenho, também aqui, mais próximo à costa, no rio São Francisco, com os esforços que estamos fazendo agora – e aí entra a questão das ferrovias que nós estamos fazendo, da Transnordestina, de ligar Petrolina a Salgueiro, e daí por diante, chegando até o porto de Suape –, estejamos realmente reorganizando os eixos de crescimento da economia brasileira.

Claro, tudo isso leva tempo. Não se pode, do dia para a noite, fazer tudo que se deseja. Mas o importante é o rumo. Nós mudamos o rumo do Brasil. Eu tenho a satisfação de lhes dizer que nesses 3 anos e meio de governo nós mudamos o rumo do Brasil. Claro, as bases começaram antes, com esforço, e não se deve nunca deixar imaginar que se começa do zero. Não se começa do zero, nem se deve pretender começar do zero. Mas, em certos momentos, é preciso haver uma inflexão. Foi o que nós fizemos, com dificuldade, às vezes até com incompreensões. É natural que assim ocorra. Mas, com o tempo, ver-se-á que nós estamos construindo um novo país.

E os senhores que participam desse esforço, no que diz respeito à questão dos portos e dos transportes em geral, da logística em geral, no sentido amplo, desde os parlamentares que se preocupam com a matéria, os técnicos, os funcionários, os empresários, os trabalhadores, todos sabem disso, sabem que, efetivamente, aqui, hoje, ao assinar esses atos, estamos dando concreção àquilo que foi desenhado alguns anos atrás. E eu espero que nós, a cada dia, possamos dar mais concreção a esse novo mapa de um Brasil mais confiante, de um Brasil capaz de oferecer mais trabalho, de um Brasil capaz de gerar mais riqueza, de um Brasil capaz de poupar mais para ter mais investimento, baseado na nossa própria poupança doméstica; e, ao mesmo tempo, de um Brasil

mais capaz de atrair investimentos diretos estrangeiros, sem os quais tampouco haverá o avanço necessário, nem na tecnologia, nem na interconexão que o sistema de produção mundial hoje requer.

E é preciso que se tenha, também, olhos novos para ver o novo. Os que têm olhos cansados às vezes não vêem aquilo que está acontecendo. Mas, pouco a pouco, com muita insistência, eu creio que mesmo os que estavam habituados a ver outras coisas com os olhos já cansados de vê-las vão começar a perceber que, de fato, o novo é melhor, não só porque é novo, mas porque vai permitir um Brasil mais justo, um Brasil mais rico, um Brasil mais aberto e um Brasil mais capaz de algum dia poder acabar com aquilo que eu costumo chamar da nódoa dos nossos tempos, que ainda é o grau de pobreza que ainda existe e que não se resolve com demagogia, se resolve com ações como a que nós estamos fazendo hoje.

Muito obrigado aos senhores e parabéns.

